

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
Faculdade de Ciências Humanas
Curso de Graduação em Filosofia
Nickolas Ghabriel Fretes Gomes

Filosofia como prática de atenção para uma subjetividade no mundo digital

Campo Grande – MS 2025

Nickolas Ghabriel Fretes Gomes

Filosofia como prática de atenção para uma subjetividade no mundo digital

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como pré-requisito para graduação no Curso de
Licenciatura em Filosofia da Faculdade de
Ciências Humanas da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof.^a. Dr.^a. Marta Nunes da Costa

Licenciatura em Filosofia

Filosofia como prática do tempo e da atenção para uma subjetividade no mundo digital

Nickolas Ghabriel Fretes Gomes

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Marta Nunes da Costa – Orientadora
Faculdade de Ciências Humanas – FACH-UFMS

Prof Rodrigo Augusto de Souza
(Externo/ Educação UFMS/ PROF FILO UFMS)

Prof Victor Hugo Oliveira Marques
(Externo/ UCDB / PROF FILO UFMS)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de fazer uma série de agradecimentos que considero importantes para mim, não apenas para minha formação acadêmica, mas para minha formação como ser humano. Agradeço primeiramente ao corpo de docentes do curso de filosofia da UFMS, participações fundamentais para o desenvolvimento de meu aprendizado durante a caminhada da licenciatura em filosofia. Consegui aprender que a educação, o aprendizado e o pensamento crítico são partes fundamentais da minha existência para viver com dignidade. Agradeço especialmente ao professor Ronaldo José Morava, que me indicou o Programa de Iniciação de Bolsas à Docência (PIBID) e se fez presente durante todo o processo; essa experiência agregou de forma significativa à minha formação como docente. Agradeço também à minha família, que sempre foi uma rede de apoio, o refúgio necessário para a consolidação da minha aproximação com as coisas boas e virtuosas da vida. Agradecimento e principalmente reconhecimento para a minha professora orientadora Marta Nunes da Costa por indicar o caminho a ser trilhado no final deste ciclo tão importante que foi a minha formação. Sem o apoio e direcionamento dessas pessoas, seria incapaz de incitar na minha alma com tanta humanidade a vontade de aprendizado.

RESUMO

A seguinte pesquisa tem como objetivo principal explorar uma crítica estabelecida por Byung-chul Han acerca dos conceitos de atenção e tempo a partir da digitalização, para que assim seja apresentada uma ressignificação do conceito de atenção, introduzido por Simone Weil e apresentado por Marta Nunes da Costa. A intenção é a criação de uma discussão sobre a maneira como a sociedade digital estabelece suas relações, como ela confere atenção ao outro, estabelecendo, a partir de Weil e Costa, atenção como ponte entre filosofia e processo de aprendizado. Em um segundo momento, o objetivo é pensar o eu e o outro, estabelecidos também por Marta Nunes da Costa para pensar o quão democráticas são as relações, uma definição do eu e do outro a partir da formação de um nós. Por fim, será desenvolvida a conceitualização de um sujeito digital, partindo da premissa da subjetividade na atenção como cuidado de si, conceito proposto por Michel Foucault. O intuito é pensar um sujeito digital a partir do cuidado, retomando também o papel filosófico desta formulação.

Palavras-chave: Atenção. Tempo. Cuidado de si. Filosofia. Aprendizado

ABSTRACT

The main objective of the following research is to explore a critique established by Byung-chul Han on the concepts of attention and time based on digitization, in order to present a reinterpretation of the concept of attention, introduced by Simone Weil and presented by Marta Nunes da Costa. The intention is to create a discussion about how digital society establishes its relationships, how it pays attention to others, establishing, based on Weil and Costa, attention as a bridge between philosophy and the learning process. In a second moment, the objective is to think about the self and the other, also established by Marta Nunes da Costa to think about how democratic relationships are, a definition of the self and the other based on the formation of a we. Finally, the conceptualization of a digital subject will be developed, based on the premise of subjectivity in attention as self-care, a concept proposed by Michel Foucault. The aim is to think about a digital subject based on care, also revisiting the philosophical role of this formulation.

Keywords: Attention. Time. Self-care. Philosophy. Learning.

Sumário

Introdução	8
1. A crise da atenção no mundo digital	9
1.1 Como a atenção é dada no mundo digital?	9
1.2 Por que a Filosofia é uma prática de atenção?.....	12
1.3 Conceito da atenção e sua relação com o tempo no contemporâneo	15
1.4 O problema do imediatismo contemporâneo	17
2. Subjetividade da atenção como cuidado de si	20
2.1 Liberdade e a artificialização do outro como projeto de desumanização.....	20
2.2 A criação de um “nós” a partir da atenção ao outro.....	22
2.3 Atenção como uma forma de cuidado	27
2.4 O lugar da filosofia na subjetividade do cuidado digital.....	30
Considerações finais.....	32
Referências bibliográficas.....	34

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo explorar os conceitos de atenção e tempo para formar uma proposta da atenção no mundo digital como cuidado de si. Traçando um rumo para este conceito dentro da filosofia, o objetivo é integrar estes conceitos para a realização do cuidado de si e da subjetivação, discutindo no mundo contemporâneo digital o lugar do sujeito que realiza a prática da atenção como cuidado de si, assim se subjetivando. A análise da crítica aos conceitos de atenção e de tempo no mundo contemporâneo digital parte da obra *Infocracia: digitalização e a crise da democracia* (2022), de Byun Chul Han (1965-), que problematiza os conceitos por meio de uma “crise”. Tentarei discorrer sobre como estes conceitos se dão na sociedade “digitalizada” de maneira que fique clara a necessidade de tal discussão diante da crítica apresentada. Os conceitos serão detalhados e relacionados ao processo de aprendizagem, bem como à filosofia, dialogando com o artigo de Marta Nunes da Costa, "Filosofia e Atenção" (2024) em que a autora dialoga com Simone Weil (1909-1943) para explorar a relação entre a filosofia e a atenção. O objetivo é mostrar como a atenção é necessária para a filosofia, bem como para a prática de aprender.

Em um segundo momento será tratada a atenção como processo de subjetivação a partir do “cuidado de si”, conceito proposto por Michel Foucault (1926-1984) na *Hermenêutica do Sujeito* (2006). O objetivo com essa análise e leitura é pensar a atenção como um cuidado de si e parte do processo de subjetivação do sujeito no mundo contemporâneo digital, pensar o eu e o outro, postulados por Han (mas pouco desenvolvidos pelo autor). Para fazer esta problematização, recorreremos à obra *Ensaio no Feminino* (2018), de Marta Nunes da Costa, e em particular ao capítulo XXX “O eu e o outro”, em que a autora desenvolve uma concepção de “nós”.

O trabalho possui três objetivos específicos: I) Apresentar e desenvolver o conceito de atenção em Han e Weil para estabelecer uma relação entre as perspectivas sobre atenção. II) Entender como os conceitos apresentados são, na prática, um fazer filosofia e aprender sobre si mesmo e sobre o outro. III) Aplicar o conceito de atenção à subjetivação no mundo digital para descrever um sujeito digital.

1. A crise da atenção no mundo digital

1.1 Como a atenção é dada no mundo digital?

Para pensar a prática de atenção como uma prática filosófica e parte do processo de subjetivação, e um cuidado de si no mundo digital, é necessário o entendimento prévio do conceito de atenção empregada na prática do mundo digital. Como ela se manifesta?

Para responder a essa pergunta, recorrerei neste primeiro momento a uma visita na obra de Byun Chul Han, *Infocracia*. (2022). Nela é possível identificar uma série de críticas à maneira como o ser humano lida com o mundo digital diante da relação com a comunicação, o tempo e a atenção. Han indicará uma crise da atenção ligada à falta de comunicação e tempo em detrimento das informações.

Mesmo que Han não deixe claro, ou não conduza de fato uma conceituação da atenção, esse conceito aparece primeiramente na sua obra ligado de maneira direta ao tempo. O tempo será uma condição dessa crítica para pensar na maneira como a atenção é dada na sociedade digital. A atenção e o tempo são conceitos completamente comprometidos na sociedade da informação postulada por Han em função da fugaz incidência de informações (HAN, 2022). Essas informações não necessariamente são apenas as notícias e assuntos em alta dentro das redes sociais ou de navegadores de pesquisa online, mas toda informação que passa no celular ou aparato digital do indivíduo que as intercepta. Essas informações podem contemplar a própria comunicação digital entre os indivíduos. Segundo Han, essas informações em demasia criam um estado de crise na comunicação (infodemia) (HAN, 2022). e na atenção que temos ao dedicarmos tempo insuficiente a elas.

As informações tomam a atenção e o tempo que as pessoas precisam para compreendê-las por meio de um ciclo de novas informações que vão se sobrepondo (HAN, 2022); assim, a atenção aos fatos e o tempo entre as novas informações são reduzidos de tal maneira que o próprio tempo e a atenção passam a ser subtraídos dos indivíduos, e a capacidade de entender com clareza o que cada informação significa ou representa se esvai com a percepção de tempo quebrada.

A sociedade da informação pode ser concebida como a sociedade que determina a predominância das informações sobre a atenção e o tempo; as informações devem ser repassadas e representadas o mais imediatamente possível, mesmo que incoerentes ou até falsas, antes que a atenção e qualquer percepção de tempo possam se direcionar aos indivíduos que as interceptam em seus aparatos digitais. Para Han, a atenção parte do conceito

convencional de atenção, como um sinônimo de foco, foco que alguém dirige a uma tarefa, uma prática, mas ela é pensada, principalmente, em sua obra como foco dado a informações. Han insere a atenção como um fator essencial para a comunicação, que está em processo de definimento na sociedade da informação; a informação busca sempre mais a atenção dos indivíduos, esgotando assim o tempo deles.

Neste critério, Han infere (2022). a ligação entre atenção e tempo; a subtração do tempo depende da exploração da atenção dos indivíduos pela infocracia, explorando o tempo que os indivíduos têm para compreender as informações e comunicar-se. A infocracia delimita a concepção de atenção e, conseqüentemente, da comunicação entre os indivíduos. Visto que todos esses conceitos se ligam para a compreensão das informações durante a comunicação.

A percepção de tempo para os indivíduos que tem a sua atenção comprometida pelas informações é reduzida, segundo Han a “sucessíveis agoras”, ou sucessão de presentes pontuais. Esses sucessíveis agoras implicam em um descuido da atenção dos indivíduos à linha de acontecimentos de fatos, é uma brecha que essa “infodemia” se apropria para fragmentar a percepção de tempo dos usuários online.

As práticas que conduzem o discurso racional levam tempo, esse mesmo tempo é atomizado e fragmentado pela temporalidade da sucessão de informações: Em virtude de seus lapsos estreitos de atualidade, as informações atomizam o tempo. O tempo decai em mera sucessão de presentes pontuais. O tempo está, hoje, desmembrado em todos os âmbitos. (HAN, 2022, p. 36).

Han descreve que “[...]. Não é possível demorar em informações. A coação de aceleração inerente às informações realça as práticas de tempo intensivo, cognitivas, como saber, experiência e compreensão.”. (HAN, 2022, p. 35). Na sociedade da informação, não há tempo para nenhuma prática de tempo intensivo. Han entende que é proposital a falta de tempo necessário para essas atividades, pois é uma maneira de dominação da infocracia pela sociedade da informação. A infodemia seduz o indivíduo que segue o fluxo das informações impostas a ele, e passa rotineiramente estagnado nas informações sem o processo digestivo das mesmas: as informações tomam conta do próprio tempo e o ser humano passa aqui por um “sequestro cognitivo diário, rotineiro”.

Essa fragmentação da percepção de tempo no mundo digital justifica a quebra do discurso racional, que Han define como pilar essencial para o raciocínio e o debate, a

comunicação entre as pessoas. O próprio tempo é para Han (2022), um recurso fundamental para esse discurso racional. A hipótese de Han de que as informações e os aparatos do regime de informação dominam a esfera total da vida se mostra relevante na medida em que até o tempo se mostra dominado pelas informações.

A atenção está em crise pela ausência do diálogo, um discurso, com o sumiço do outro. Han define o discurso como uma “práxis da escuta atenta”. (HAN, 2022, p. 53.). A “escuta atenta” concede a capacidade de ouvir o “outro”; para Han, “ouvir atentamente é um ato político à medida que apenas e por ele as pessoas formam uma comunidade e se tornam capazes de discursar. Esse ato político é capaz de promover um “nós”.” (HAN, 2022, p. 72.).

A fundação de um “nós” também só se aplica a partir da atenção que será conceituada por Weil, o estar aberto a ouvir e dedicar-se ao outro é uma maneira de estabelecer a complexidade entre os “outros” e o “eu”. Essa atitude tem caráter filosófico na medida em que se estabelece frente ao sistema de dominação pelas informações proposto por Han (2022). Esse caráter filosófico em dirigir sua atenção ao outro será parte do processo de racionalização do indivíduos.

O ouvir atentamente não deveria apenas tomar uma forma de maneira política, apelo para que a escuta atenta seja um ato filosófico, ouvir atentamente deve ser uma atitude a se pensar de maneira filosófica. O ato de ouvir atentamente pode implicar em uma transformação do indivíduo, o aprisionado na sociedade digital pelas informações, passa a se tornar emancipado em sua atenção, ele estará atento de maneira seletiva aos fatos, não será apenas refém das informações, será senhor de sua atenção e da temporalidade de seu discurso com o outro.

Tanto as informações quanto o processo de aprendizado na sociedade digital para Han são reduzidos a mero processo maquinal e instantâneo, a redução da atenção e do tempo para um discurso racional causam tal efeito, Han define o discurso racional do século XIX como complexo e largo (HAN, 2022, p. 26). O que pode indicar que há muito mais atenção no discurso, o tempo e atenção se direcionam no desenvolvimento desse discurso de maneira muito mais intensa e presente:

“Esse discurso político tal qual o do século XIX é complexo e largo, em função do tempo dedicado a ele e atenção as informações, a racionalidade é muito mais aguçada e treinada nesse diálogo.” (HAN, 2022, p. 26).

Dispor de tempo e atenção para a formação de um discurso racional é a chave para que haja uma compreensão e estruturação do “nós”, e a verdadeira comunicação entre os indivíduos através do discurso realiza-se como prática política e filosófica, será essa a prática que funda o “nós” e orienta a atenção.

Esse “nós” é por si só, a fundação, o esteio do processo de comunicação, o ato que impulsiona o discurso racional e habilita a ação comunicativa. Sem esse nós, resta apenas a infocracia, e a redução do ser humano à condição de gado de consumo, e mercadoria em forma de informação.

A criação do “nós” é a carência da atual fissão proposta por Han (2022) com o mundo digital. Essa carência de uma sociedade que esteja aberta ao ouvir atentamente os outros que lhe fundam através do diálogo, sem as implicâncias dos pensamentos opostos, ou consonantes. O processo de carência da atenção e fissura de percepção do tempo preconizam o “nós” ao estado de infocracia.

Nesse sentido, a intenção agora é convidar Costa, em seu artigo em que discorre acerca da atenção em Weil, intitulado “Filosofia e atenção” (2023) para pensar a atenção como uma prática filosófica para o indivíduo através do “estar aberto aos outros”, entender sua existência a partir do outro de forma atenta, estar aberto ao outro será a atenção em sua essência para refletir em si o “nós”.

1.2 Por que a Filosofia é uma prática de atenção?

A filosofia será tratada aqui como uma prática atenta, que demanda tempo e atenção, para que se faça a filosofia o indivíduo deve estar atento e dedicar o seu tempo a estar aberto para a sua realidade e do outro. Isso acontece apenas com tempo e a atenção conceituada por Weil.

Pensaremos aqui um conceito distinto de atenção, essa atenção se entrelaça com a filosofia e o processo educativo na medida que estabelece nos indivíduos uma predisposição para estar aberto a ambos. A filosofia pode ser compreendida como prática atenta quando Costa, retomando Weil, a conceitua, relacionando-a ao processo de aprendizado como forma de amor:

O que é a atenção? Uma disposição do sujeito para estar aberto à realidade dos outros, de si mesmo, dos objetos (naturais ou artificiais), costumes, tradições, ideias e palavras, como bem, beleza, verdade e Deus. Atenção é também sinônimo de amor. Neste sentido, filosofia e educação encontram-se e o propósito de educar é aprender

a amar. Aprender a amar significa mudar a forma como se lê. Não se trata apenas da leitura de textos, mas sobretudo da leitura da realidade, o que só se alcança a partir da contemplação das contradições. Assim, a educação é a aprendizagem na leitura (do texto e da realidade) e no método da contemplação. Importa ressaltar que Weil pensa a educação em sentido amplo, ou seja, não restrito ou limitado às séries iniciais da escola. Com efeito, o processo de aprendizagem e do desenvolvimento da atenção – tarefa principal da educação – ocorre e permanece ao longo de toda a vida. (COSTA, 2024, p. 178)

Esta concepção agrega uma criticidade muito maior à discussão previamente proposta por Han e a crítica contemporânea sobre a atenção, se pensarmos em uma crise da atenção como crise a disposição de estar aberto a própria realidade de si e a dos outros, o indivíduo estará preso não em uma crise de foco, mas sim em uma crise existencial, o indivíduo deixa de fazer parte do “nós” na sociedade e se torna totalmente alheio ao que lhe cerca.

Estabelecer uma ponte entre a filosofia e a educação como o aprender a amar, e amor entendido como leitura da própria realidade em que se insere, é sim possível identificar a atenção e o processo de aprendizado junto da filosofia como sinônimos, visto que sem a atenção (disposição de conhecer e capacidade de amar o conhecer, a leitura de si e do outro) não há a realização da filosofia ou do processo de aprendizagem em seu encontro.

Sem a atenção, filosofia e processo educativo acabam por se destoar, evadir-se, então pensando a prática de atenção como um norte ao entendimento, rumo a leitura da realidade e realização da filosofia e da educação como prática filosófica através da atenção, Weil propõe também que seja uma prática para viver, pois esse processo de “desenvolvimento da atenção” ocorre como prática para a vida, uma vez que ela afeta diretamente todos os âmbitos de percepção do indivíduo.

A atenção estabelece assim uma relação muito mais íntima com a filosofia do que mero foco prestado aos fatos e a própria comunicação citada antes por Han. Devemos abordar melhor essa concepção de atenção como predisposição, assim entendida por Weil:

[...] a atenção também não deve ser confundida com a faculdade da vontade, pois esta está vinculada a um esforço positivo. Trata-se, em vez disso, de uma atitude anterior, de abertura e contemplação, uma atitude que constitui o próprio espaço como condição de possibilidade para a aparição, o desvelamento. (COSTA, 2024, p. 180.)

Essa contemplação aqui citada, a atenção, é a predisposição que viabiliza o encontro do indivíduo com qualquer possibilidade para a aparição, desvelamento, se tornar parte do seu

próprio processo de entendimento sobre o que lhe cerca, dessa maneira o sujeito sabe quem é através do que ele lê, assim é gerada uma percepção do que lhe cerca, do que se é.

Costa relaciona também essa atenção ao próprio ato de fazer filosofia, mas através do conceito de humildade, onde “Weil defende que a atenção é indissociável da virtude da humildade, no sentido em que se orienta em direção à verdade à beleza, ao bem e a Deus.” (COSTA. 2024. 180.)

Assim, a humildade como critério indissociável da atenção lacia e ampara a conexão entre os conceitos de atenção e filosofia:

Humildade é o reconhecimento das suas limitações e da sua ignorância. Por outras palavras, humildade coincide com aquilo que Sócrates descrevera como “sabedoria humana”, o que é possível para nós, humanos, diferentemente dos deuses – saber que nada sabemos, ter consciência de nossa ignorância. Assim, a atenção – que é essa abertura à contemplação e ao outro – converge com a humildade; a humildade converge com a sabedoria. E o que é a filosofia senão essa busca pela sabedoria, movida pelo desejo e pelo amor? (COSTA, 2024, p. 180.)

Dessa maneira, a atenção e a filosofia constituem uma presença que marca o “estar aberto” ao caminho para o outro, são as vias que possibilitam uma interação entre o “eu” e o “outro”. O “eu” pode se conectar escutando atentamente o outro, e por meio dessa atenção é estabelecida uma conexão legítima e racional entre ambos, em que se reconhecem e espelham sua atenção.

Podemos designar agora, que será melhor desenvolvida ao longo do trabalho uma tarefa ao filósofo a partir dessa percepção: sanar a crise da atenção através do ouvir atentamente, constituindo a prática de atenção, dirigindo a sua leitura ao outro. O outro tem papel fundamental para entender como essa tarefa é importante, visto que a atenção deve ser dirigida a ele para a realização da abertura e via para disposição prévia ao conhecimento de si, o outro deve ser um espelho que reflete a atenção dirigida do eu para ele.

Costa enfatiza sobre a abertura da atenção como contemplação vista também como um esforço que demanda tempo e exercício, não se dá apenas na abertura em si, é também a prática de exercitar as leituras de contradição da realidade, é o eu identificando as contradições postas pelo eu ao serem confrontadas, rebatidas pelo outro:

[...] o deslocamento que Weil faz da vontade para a abertura, contemplação e vazio não significa a absoluta rejeição do exercício da inteligência ou da própria vontade.

Com efeito, a inteligência deve ser exercitada para que, através dela, os indivíduos consigam identificar as contradições da realidade, por um lado, e reconhecer a correção, o bem e o amor, por outro. (COSTA, 2024, p. 181)

A atenção deve ser essa prática de conhecer até mesmo as correções que lhe são postas diante do que se manifesta, sem perceber esses detalhes não ocorre nenhum tipo de abertura, e sem o esforço e exercício da abertura a contemplação de seus erros, o indivíduo acaba alheio a si mesmo. O eu deve alcançar o outro através dessa abertura, caso contrário, não aprende e não se desenvolve através de seus erros ou contradições da própria realidade.

1.3 Conceito da atenção e sua relação com o tempo no contemporâneo

O objetivo desta sessão é desvendar como a atenção e o tempo se esvaem através do processo de apagamento do outro na sociedade digital, levantando a hipótese de que o tempo e a atenção acabam se apagando do “eu” ao entrar em contato com a racionalidade digital, Han promove este conceito ao apresentar a percepção dataísta, uma corrente de pensamento que desencadeia todo esse processo através da “artificialização do outro”.

É muito importante pensar também como o tempo é submetido a um processo de imediatismo, as informações não podem demorar, serem adiadas ou retardadas, devem sempre seguir um rumo imediato, dessa maneira as informações compactam qualquer experiência de tempo no mundo digital, o processo de aprendizado e de atenção passam a se compactar, até a racionalidade e a percepção de tempo acabam por se amontoar em um processo de computação das informações. A informação não pode ser mais compreendida da maneira atenta aqui proposta por Weil e Costa (2024); Han sugere que a sociedade da informação aliada a uma percepção que nasce de seu interior, dos “dataístas” (HAN, 2022, p. 63) deve ser substituída para se adequar ao tempo das informações.

O processo de artificialização do outro constitui uma grave ameaça ao processo de aprendizado e percepção do tempo, na medida em que a ação comunicativa com uma máquina, com uma inteligência artificial é mais fácil, mais rápida e faz parecer a conversa com o outro, uma medida ultrapassada, assim “[...] a complexidade crescente da sociedade de informações tornam obsoleta a ideia de ação comunicativa”. (HAN, 2022, p. 63).

A intenção dos dataístas, é indicar que a sociedade movida pela ação comunicativa é falha, que é muito “lerda”, e não consegue acompanhar as transformações repentinas da infocracia. As informações substituem de maneira estruturada o diálogo e acaba com a

racionalidade, ela passa assim, por um processo de transformação. Isso classifica diretamente a relação entre o tempo e a percepção de coação da aceleração gerada pelas sucessivas informações, a necessidade da aceleração de informação é gerada pelo imediatismo no aprendizado maquinal das inteligências artificiais.

O tempo necessário para desenvolver a atenção e a temporalidade das informações se cruzarão mais adiante quando aplicarmos o conceito de racionalidade proposto por Han para entendermos o imediatismo na sociedade digital contemporânea, a razão e o tempo proposto para as informações na sociedade da informação são influenciados pela percepção dataísta do discurso e da racionalidade, a racionalidade em questão é uma proposta de Han a esta percepção dataísta de produção racional.

Essa racionalidade digital que artificializa o outro é movida pelas informações, não há mais um diálogo entre as pessoas, mas sim entre as máquinas, é quase uma “tecnocracia”, onde vigoram os dispositivos inteligentes que simulam de forma artificial o outro, elas tomam o outro como forma de imitação, e isso constitui para o aprendizado e a fundamentação racional de qualquer discurso o fim:

Chamamos de racional uma pessoa que expressa opiniões fundamentadas no âmbito cognitivo-instrumental e age de maneira eficiente; só que essa racionalidade permanece aleatória, caso não seja acoplada com a capacidade de aprender com os fracassos, com a refutação de hipóteses. A inteligência artificial não fundamenta, mas calcula. Em vez de argumentos surgem algoritmos. Argumentos podem ser aprimorados no processo discursivo. Algoritmos, por sua vez, são otimizados continuamente no processo maquinal. Com isso, podem ingerir seus erros por conta própria. A racionalidade digital substitui o aprendizado discursivo pelo Machine Learning, pelo aprendizado das máquinas. Algoritmos pantominam, portanto, argumentos. (HAN, 2022, p. 66)

O tempo é utilizado para a otimização dos recursos maquinais como inteligências artificiais e algoritmos, essa prática não constitui, não desenvolve uma prática de tempo, ele se subtrai para o desenvolvimento dos algoritmos, enquanto a percepção e atenção de quem deposita as informações permanece intacta. O tempo se despedaça mediante o imediatismo da infocracia, pois o outro artificial gerado pela racionalidade digital não constitui uma atenção ao eu, não carece de tempo para desenvolver nenhum tipo de aprendizado, o aprendizado já é dado a ele de forma instantânea, e isso exclui quaisquer práticas de atenção, aprendizado e filosófica.

O outro é a medida da argumentação que alguém tem, a partir do outro, os argumentos são rebatidos e aprimorados através do diálogo, do processo de aprender com os erros. Sem

essa medida a capacidade de racionalizar passa a se desfazer, o processo de aprendizado e a atenção se perdem, sem o outro não é possível estar aberto para qualquer medida de realidade que ele apresente.

O conceito de atenção aqui se esvai, visto que ele é justamente a abertura que emana do eu para o outro, a voz do outro nesse âmbito da racionalidade digital é completamente silenciada, não pelo “eu”, mas agora pelas próprias informações, que irracionaisizam o ser humano e dedicam o sentido racional ao digital. A abertura que o eu manifesta ao outro se torna uma abertura ao artificial, que não carece de nenhum processo de aprendizado.

1.4 O problema do imediatismo contemporâneo

Veremos a seguir uma definição mais concisa da problemática proposta por Han ao desenvolver a crítica ao “ouvir atentamente” no mundo digital, e buscar nessa relação entre o eu e o outro o nós. Entender esses pontos distintos na sociedade digital facilitará um apontamento da atenção a uma prática ostensiva ao combate da carência ao escutar o outro.

Não apenas isso, mas também será desenvolvida uma questão nomeada de imediatismo contemporâneo, é um estado de percepção que atinge os indivíduos pela concepção dataísta, ela concerne principalmente a fragmentação do tempo na sociedade digital, e será evidenciada ao entrar em conflito com a atenção no sentido filosófico para promover um discurso racional. A inferência aqui é dada no outro, o outro será uma via da crítica dataísta, a relação de desentendimento partirá pela incompreensão do outro.

Quando Han coloca em questão a complexidade da relação do tempo com a capacidade de racionalização dos indivíduos para aprenderem, ele propõe também uma crítica a maneira como a sociedade digital conduz as práticas de tempo, como o ler, o aprender e se dedicar a comunicação de maneira mais sólida. Han aponta:

O caráter geral de curto-prazo da sociedade da informação não é benéfico à democracia. No interior do discurso vive uma temporalidade que não se dá com comunicação acelerada, fragmentada. É uma práxis que requer tempo. A racionalidade também requer tempo. Decisões racionais são constituídas a longo prazo. Uma reflexão as precede que se entende para além do momento no passado e no futuro. Essa extensão temporal caracteriza racionalidade. Na sociedade da informação, simplesmente não temos tempo para a ação racional. A coação da comunicação acelerada nos priva da racionalidade. (HAN, 2022, p. 36)

A percepção sobre tempo do indivíduo se subtrai ao nível do desaparecimento da própria razão, da racionalidade em si. Aqui o tempo toma o caráter que previamente já lhe fora estabelecido de maneira mais intensa e evidente, o tempo é a necessidade primeira da formação de razão para Han.

Isso pode ser pensado quando retomamos o conceito de atenção intimamente e simbioticamente ligada ao tempo, a atenção dada como prática filosófica do aprendizado não se efetiva também sem o tempo necessário para se estar aberto e ler a realidade de si e do outro. Esse é o efeito deste imediatismo contemporâneo provocado no tempo pelas informações.

A aceleração da comunicação é uma coação, não parte dos indivíduos, pelo contrário, ela se opõe a eles, sem se opor a eles, ela pode ser superada pelo processo de atenção e de diálogo racional, mas enquanto confrontante a estes princípios gerados de prática do tempo a aceleração da comunicação coage e se sobrepõe a estes princípios, quando se desmonta, se desmancha a base de uma construção é que se derruba toda a estrutura.

Então pensemos o tempo como a base necessária da construção do processo de atenção, de prática filosófica e do processo de aprendizado, bem como também apontado por Han, da racionalidade em si, do construir uma racionalidade.

Colocando esta relação em evidencia, Han também conclui sobre este imediatismo gerado pela coação da aceleração das informações como via de escape dos indivíduos a pensarem através da inteligência, recorrerem pela inteligência como forma de montar soluções e resultado a curto prazo:

Sob pressão de tempo, acabamos escolhendo pela *inteligência*. A inteligência tem toda uma outra temporalidade. A ação inteligente se orienta a soluções e resultados de curto prazo. Assim nota Luhmann, com razão: “em uma sociedade da informação, não se pode mais falar de comportamento racional, mas no melhor dos casos, de comportamento inteligente. (HAN, 2022, p. 36-37)

É importante ressaltar que a conceitualização aqui proposta da inteligência como ação inteligente ordenada a soluções de curto prazo é diferente da concepção proposta por Costa, ao pensar a inteligência na atenção para Weil:

As faculdades da inteligência permitem-nos aproximar da verdade, mas exigem atenção para que não nos deixemos levar pela satisfação intelectual apenas. É preciso que, no desenvolvimento das técnicas de atenção positiva, o sujeito se converta e desenvolva auto controle, cultivando a predisposição para a revelação da verdade, do

bem e do justo que só uma ordem transcendente pode fundamentar. (COSTA, 2024, p. 183-184.)

Há divergências quanto a proposta de conceitos, mas o contraste aqui é na relação de tempo entre as propostas de conceitos, Han parece aplicar uma inteligência dada como uma perspicácia aos rápidos, fúgidos acontecimentos que seguem um fluxo interminável de problemáticas a serem pensadas e resolvidas de maneira rápida, são soluções que constituem até certa fragilidade por estarem medidas a um curto prazo para suas soluções.

Ao passo que a inteligência como aprendizado de técnica da atenção proposta por Weil gera a cultivação de uma abertura ao olhar do indivíduo, para a clarificação do nevoeiro digital que artificializa o outro, não busca constituir uma solução que se adeque aos dados apresentados de maneira rápida. Essa inteligência cultivadora da atenção em Weil aponta para a realização do indivíduo como praticante de uma autocrítica a partir do outro. A relevância aqui não é a temporalidade dos acontecimentos, mas sim a reflexão do indivíduo mediante os mesmos.

A maneira como os indivíduos digitais se adequam ao tempo é completamente diferente do processo de leitura atenta. Daí que a artificialização da relação entre o eu e o outro inviabiliza a contestação do próprio indivíduo com sua percepção de tempo. O outro é um caractere necessário para a reflexão dos erros, e pro processo de atenção que é implicado no indivíduo, sem o outro, a artificialidade das informações na infocracia toma conta do tempo. Assim, a racionalização que concerne a capacidade de produzir tal percepção sobre o tempo se esvai do indivíduo.

É necessário que haja um salto, uma condução ao indivíduo inserido no mundo digital para uma emancipação, uma caracterização de si mesmo para que compreenda melhor sua relação com o outro, com a liberdade e consigo mesmo. Isso se dará admitindo uma postura de sujeito a partir da atenção e o cuidado de si, condições essenciais para desvelamento da caverna digital que aliena o tempo e a atenção do indivíduo.

2. Subjetividade da atenção como cuidado de si

2.1 Liberdade e a artificialização do outro como projeto de desumanização

Buscaremos uma clarificação para os conceitos de “eu” e “outro”, para pensar na proposta de atenção postulada por Weil como um caminho, uma ponte para a subjetivação do indivíduo dentro da sociedade digital instigada e criticada por Han. Mas inicialmente o foco será desenvolver a ideia de “eu” e de “outro” a partir de um ensaio de Costa, tendo a liberdade e a maneira democrática de se viver como conceitos centrais para indicar o caminho ao “nós”.

Podemos pensar em primeira instância, no eu e o outro a partir desta reflexão dentro da liberdade para estabelecer um parâmetro para a relação, como se estabelece essa relação a partir da prática de liberdade. Veremos que a partir desta contextualização e reflexão do conceito de liberdade feito por Costa, a liberdade esclarece um sentido diretamente inverso da percepção gerada entre o eu e o outro na racionalidade digital postulada anteriormente por Han:

De que forma se relaciona a prática da liberdade com o 'Outro'? Para Rousseau, a liberdade coincide com o ganhar da consciência de si enquanto 'eu', isto é, é pelo ato de resistência ao mundo, à natureza, ao exterior, que eu percebo que há uma distinção entre mim e o resto. O meu ato de resistência fundou a minha existência. Isto é absolutamente radical: a minha existência não é fundada pelo pensamento, como queria ou dizia Descartes, mas pela prática; e essa prática não é uma prática qualquer, ou seja, não é uma prática da mera sobrevivência, da esfera da necessidade; ela é uma prática criativa, do possível, do imaginário. A prática da liberdade inventa não só o 'eu' como o 'outro', o 'tu'. Esse outro contra quem eu me posiciono e me defino, esse outro com quem e através de quem eu passo a ser. A liberdade, enquanto ato de escrever o possível e torná-lo real, é uma prática a dois, sempre a dois; a liberdade não é solitária. Isto significa que a resistência, ou o 'não' que eu digo ao mundo é simultaneamente um 'sim' que digo a mim mesma, enquanto agente consciente da minha ação. O outro é o horizonte no qual a minha existência ganha cor, peso, substância; o outro permite-me que me materialize como 'eu'. Este 'outro' é múltiplo: o outro natureza; o outro mundo; o outro sujeito, homem, mulher, de carne e osso. É no confronto com o outro que surge pela primeira vez a possibilidade do sujeito abstrato, ou do 'eu concreto' se construir enquanto sujeito humano, com dignidade. Na medida em que a humanidade não é propriedade física ou empírica, mas meta, a humanidade é um projeto de ser, mas de ser em conjunto, com o outro. (COSTA, 2018, p. 51)

Por outro lado, a partir de Han percebemos que a “racionalidade digital” desmantela a própria razão entre eu e outro através da artificialização do outro, enquanto Costa explora uma percepção através da liberdade como inventora do outro. Nesse sentido, o outro também expressa uma ligação direta e participativa na construção do eu, o que remete a parte da abertura que deveria ser a condição da atenção, ela pode ser uma parte nesse processo de ligação entre o eu e o outro.

A liberdade aqui significa o ato de escrever; ela é descrita como o ato de escrever o possível e torná-lo real. É a ação conduzida pela atenção, que, por sua vez, é a prática de leitura desta realidade; juntas modificam o seu entorno. Ambas as práticas são frutos da relação conjunta entre o eu e o outro. Afinal o outro é parte necessária do processo de atenção e Costa define a liberdade como a prática sempre executada a dois.

Encontra-se também nessa união em liberdade o processo de reflexão com o aspecto múltiplo do outro. A transformação do eu a partir do outro é descrita como relação de confronto. O confronto de tudo que se é antes de encontrar o outro e dimensionar-se diante dele, essa é uma prática de tornar-se humano, encontrar as imperfeições e caráter humano na sua própria essência.

Fica até mais contrastante a multiplicidade do outro descrita por Costa ao relembrar a artificialidade que simula e apaga o caráter humano na inteligência e existência do outro, quando inseridos na racionalidade digital da infocracia. Nesse sentido, identificar-se com o outro por meio da liberdade em Costa constitui a existência humana digna, que se identifica ao se voltar para o projeto de ser em conjunto.

Então, ao passo que a racionalidade digital descrita por Han desumaniza, artificializa e projeta instantaneamente um outro, que não passa por nenhum processo de aprendizado, atenção e nem sequer parece ser racionalizante, o outro aqui descrito em Costa tem forma de condição essencial para a construção do projeto da humanidade em si, da dignidade e caráter construtivo de processo existencial.

Uma problemática que abarca esse processo na racionalidade digital é o fato de dataístas acreditarem na premissa de que, por meio do processo de digitalização da sociedade, Há um olhar muito mais divino e projetável da sociedade que, em qualquer momento da história, concebe esse processo de digitalização e arquivamento dos processos sociais como uma visão, uma ótica que permite reconhecer todos os processos pelos quais a sociedade digital passa e se transforma, e isso abarca o processo de humanização dos indivíduos.

Os dataístas acreditam que o Big Data e a inteligência artificial nos capacitam a um olhar divino, católico que abrange todos os processos sociais de modo preciso e os otimiza para o bem-estar de todos. Alex Pentland, diretor do Human Dynamics Lab [Laboratório de dinâmicas humanas] no MIT [Instituto de Tecnologia de Massachusetts], um dataísta convicto, escreve em seu livro *Social Physics - How Social Networks Can Make Us Smarter* [Física social - como redes sociais podem nos tornar mais inteligentes]: "Com o Big Data temos a possibilidade de observar a sociedade em toda sua complexidade, pelas milhares de conexões de trocas interpessoais. (HAN, 2022, p. 67)

A transformação da troca interpessoal de liberdade e humanização para mera constituição de dados e catalogação de informações para aprimoramento de inteligências artificiais é um processo de desumanização, isso na medida em que destoa o processo de atenção e de liberdade dos indivíduos, ao passo de limita-los ao processo de imediatismo na compreensão racional de si mesmos através destes dados entregues mediante análise de algo não humano.

É como se pensássemos um processo de artificialização da humanidade, na medida em que o indivíduo tenta se compreender através das informações e das inteligências artificiais, não pelo outro.

2.2 A criação de um “nós” a partir da atenção ao outro

Deve haver, no projeto de ser, da humanidade como ser em conjunto, do eu com o outro, a relação de igualdade. Esse processo deve abarcar um estado democrático e é aí que diverge mais ainda da prática de artificialização da humanidade, essa prática é infocrática, não promove uma reciprocidade entre eu e outro, é apenas um ofuscamento do outro em detrimento de estabelecer a visão geral do eu a partir das informações.

Pensando a partir da premissa de humanidade como projeto de ser, Costa pressupõe (2017) algumas implicações como necessidades fundadoras desse processo em si. Tal é a necessidade dessa liberdade com a democracia. A democracia aqui referida não é a democrática do sentido tradicional, ao qual entende-se como sistema político, a democracia aqui estabelecida na obra de Costa é um modo de viver. A democracia aqui postulada é uma união necessária das partes entre o eu e o outro, esse conceito de democracia como forma de vida que permite, viabiliza a construção de igualdade e liberdade, ela é a porta de entrada para a reciprocidade. Com esse modo de vida da democracia, a reciprocidade é uma realidade. A democracia passa assim, a ser considerada ideal, um ideal que sustenta, viabiliza a liberdade, é segundo Costa o horizonte que cada um dos indivíduos pode ser livre, e aparece como um resistente, quem resiste e manifesta a sua liberdade. Ela não somente constitui a ação pela liberdade de um “eu”, mas de todos os eus, ela pode abarcar os outros e espelhar neles os “eus livres”, nessa medida ela é também uma condução à reciprocidade.

A reciprocidade de desejar tornar-se uma abertura ao estado democrático denominado. Através desse estado democrático será dada a condição de humanização dos indivíduos:

A humanidade nasce assim do encontro de iguais; iguais que, embora partindo de posições espacialmente distintas, se reconhecem. Mas será baseado numa experiência do presente apenas, com carácter descritivo, ou é que se reconhecem naquilo que já

são, isto é, será que o reconhecimento é algo mais? Os iguais reconhecem-se não tanto por aquilo que já são (sujeitos com 'faculdades' e possibilidades) mas por aquilo que desejam ser. Os iguais reconhecem-se pelo projeto de ambos se quiserem tornar humanos. A dignidade nasce do ato da vontade - do ato de liberdade - de escolher ser mais do que a natureza coloca ou dispõe. A dignidade é a invenção que cria o horizonte da humanidade. Esta humanidade não está pronta; é apenas ideia que precisa ser colocada na prática; é apenas possível que precisa ser incarnado e tornado necessário para quem vier depois de nós.

Se aceitamos o que foi dito até agora, podemos dar mais um passo. Para que a humanidade passe de projeto a encarnação, é preciso garantir algumas condições. Condições mais propícias, facilitadoras de tornar o ideal, prática. Para começar, a condição da democracia. Por democracia não significo um modelo político, uma forma de governo, apenas. Democracia é um modo de vida, um modo de vida que permite que a igualdade e a liberdade se construam. A democracia é ideal; a humanidade, ideal, depende da democracia, outro ideal Mas os ideais não estão presos na teoria; eles têm implicações profundas na forma como criamos, pensamos e justificamos os sistemas de práticas. A democracia é o horizonte onde cada um de nós pode aparecer como livre, pode aparecer como resistente. A aparência coincide com a ação. Mas a ação não é só ação de um; ela pode ser ação de muitos, ou pode afetar muitos. A democracia é o mundo onde o necessário é superado e o possível lidera os corpos e as mentes. A democracia abraça todos os 'outros' e torna-os iguais aos 'eus', porque diz que o 'outro' é possível, i.e., que o 'outro' pode viver para lá da sobrevivência; o 'outro' pode ser livre. A reciprocidade constrói-se no juízo que cada um faz de si próprio, buscando apenas o seu direito de existir, enquanto resistir. A reciprocidade manifesta-se na luta de muitos que recusam reduzir-se ao que lhes é 'dado' como necessário. A reciprocidade, por isso também, é uma prática de liberdade e transformação do mundo da natureza e da matéria denominado pela causalidade. A reciprocidade desafia o real. Por isso, a democracia, este horizonte tão vasto onde irrompem estes conceitos e ideais regulativos, é necessária. (COSTA, 2018, p. 52)

Como articular esta percepção de democracia como modo de vida na realidade da infocracia descrita por Han? Pensemos nas condições em que se insere o indivíduo dentro da infocracia e sua situação mediante a liberdade:

Na infocracia, o indivíduo tem sua própria racionalidade presa ao digital. Todas as ferramentas e aparatos disponíveis pela infocracia se baseiam na artificialização das relações entre o eu e o outro. Há uma restrição muito grande na liberdade entre os indivíduos, que são presos não apenas em sua percepção de tempo, mas também pela coação da aceleração nas informações e sua atenção que lhe é subtraída a todo momento; há um aprisionamento da racionalidade por meio da digitalização do outro. As condições de enfrentamento da realidade em conjunto, a possibilidade de existência e de liberdade do outro apenas se simulam na condição infocrática pensada por Han. Então, o surgimento do horizonte democrático não emerge a partir dessa premissa, na medida em que a própria realidade, o próprio outro passa pelo processo de artificialização e implica uma desracionalização e falha no processo de aprendizagem, de atenção e de liberdade do modo de vida democrático estabelecido por Costa.

A Infocracia simula o outro, simula a liberdade ao artificializar sua existência; o trabalho de refletir sobre si e pelo outro acaba por anular-se em uma implicação de artificialidade do outro. O outro como máquina, como inteligência artificial, não considera diferenças e nem

constitui uma construção de aprendizado, nem para si e nem para o outro. O que gera um problema para a fundação de um modo de vida democrático.

Essa construção democrática de liberdade condicionada pela reciprocidade deve ser encarada como o projeto de ser da liberdade que abarca a atenção; deve ser também uma condição necessária dela, pois ela respalda em sua prática a existência do outro. É a definição que estimula a percepção ao outro; a reciprocidade liga o outro à condição de se recusar a aceitar o que lhe é dado, e essa prática é uma conduta completamente oposta à percepção dataísta entregue por Han ao analisar a racionalidade digital, fruto da conformidade perante a indiferença no processo de aprendizado mediante as informações.

A reciprocidade no processo de liberdade funda um ambiente democrático à medida em que é uma prática de liberdade e transformação do mundo da natureza e da matéria denominado pela causalidade. A reciprocidade desafia o real. Por isso, a democracia é uma condição essencial que faz o eu permanecer em atenção, e não suceda seu tempo a uma coação de aceleração pelas informações e, ao se voltar a essas, o indivíduo poderia partir para a postura de reciprocidade, para confrontar a si mesmo e a realidade; não se conformar é a medida que esclarece o rompimento da digitalização com o eu por meio do outro.

É possível que seja definida a relevância da atenção no processo de liberdade, optar por encontrar-se como diferente do resto, abrir a sua leitura, sua perspectiva e efetivar essa leitura no eu é a premissa de encontro com as diferenças que são impostas a mim pelo outro. A prática de atenção é então o caminho para a criação de um “nós” a partir do outro.

O “nós” abrange a perspectiva do modo de vida democrático rumo a uma projeção da prática de leitura atenta dos semelhantes em sua liberdade, e diferentes em suas projeções de leitura em relação ao outro, o perceber ser diferente, a leitura que se tem de um outro nunca é igual para cada eu, mas certamente todas essas leituras abarcam o outro. O outro é parte decisiva desse processo, desse modo de vida democrático; o horizonte que guia o modo de vida democrático pressupõe a existência e as implicações da leitura do eu a partir do outro como semelhante, igual.

Nesse processo é que se estabelece o “nós”, no processo de criar a partir dos vários eus um amparo da democracia entre esses eus e o outro. A democracia como modo de vida emana a essência da leitura atenta da realidade de si e de seu semelhante, que deve ser contínua e interminável. Assim o “eu” se desenvolve para o resto de sua vida; é, como já proposto, uma maneira de viver.

Isso não se trata de um processo que deve ser efetivado e findado, mas sim desenvolvido ao longo de sua existência como igual perante o outro. A democracia como modo de vida

proposto por Costa é um processo, não uma solução, é constitutiva da união entre os eus e os outros no processo de leitura de si, ao passo que considera a existência do outro como seu reflexo, o outro é um reflexo da leitura do eu, que respalda sua própria existência nas diferenças entre suas semelhanças.

Então, finalizando o raciocínio sobre o estado de democracia em que os indivíduos se encontram nessa percepção, deve ser também enfatizado novamente a democracia como estado de “nada”. A democracia é para Costa, um vazio que a partir da coletividade gera as relações democráticas, relações estas que determinam a pluralidade entre dois para formar apenas um, esse regulativo caracteriza o eu e o outro para formar o nós na sociedade, é daí que surge o nós:

Dizer que a democracia é o espaço do possível é dizer que ela se define de forma absolutamente não-essencial e não essencialista, ela não é positivamente, ou dito de outra maneira, ela é nada. Ela é apenas tudo o que pode ser, mas ainda não é. A definição é inviável porque ela ossifica, atribui um sentido determinante a práticas que são e devem permanecer transformadoras. Dizia Foucault a propósito do poder que o poder não é uma coisa, mas que tudo são relações de poder. Poderia dizer o mesmo da democracia: a democracia não é uma coisa, um objeto à espera de ser descoberto, como 'fato', e ser analisado, decomposto, estudado. A democracia são relações democráticas. Por ser relação significa que ela é o próprio movimento que começa com o encontro de pelo menos dois. A democracia é sempre plural, ela começa no plural e ela só vive no plural. Vejam o paradoxo: ela nasce do plural e propõe-se ser representada por um singular universal: o 'povo'. [...] A forma como as relações se criam, definem e perpetuam vai mostrar quanto democrática é uma sociedade. (COSTA, 2018, p. 53)

Como essa citação de Costa pode indagar o que isso diz sobre nós e o mundo em que estamos vivendo, e até que ponto abraçamos a responsabilidade da liberdade individual ou a delegamos a uma terceira parte?

Isso é uma questão colocada em evidência quando se pensa o quanto igualitárias são essas relações, visto que a liberdade também gira em torno do aspecto de igualdade entre o eu e o outro. A indagação sobre o quanto igualitárias são as relações gera um pensar no pluralismo. Mas pluralismo como produto do confronto entre o eu e o outro, que gera reconhecimento, esse reconhecimento é o caminho da construção do espaço comum que permite a liberdade.

Essa definição que Costa propõe de pluralismo pode nos fazer pensar sobre como as relações podem criar o espaço comum necessário para a liberdade:

Quando as relações são mais igualitárias, permitindo uma visibilidade que não oprime, mas deixa ser, e ao deixar ser, é; um mundo de cores onde do pluralismo nascem 'eus' que resistem, que se distinguem dos outros. Não se trata apenas do ideal ingênuo da celebração de diferenças pelas diferenças; o desafio é difícil, mas importante: o pluralismo não está dado como pluralismo; ele torna-se pluralismo. O pluralismo dá-se como diferença, como confronto que muitas vezes gera desejos de aniquilação ou supressão do outro. O pluralismo só se torna pluralismo quando no

confronto se gera reco-nhecimento de uma igualdade que transcende as diferenças; e com o reconheci-mento vem a construção do espaço comum que permite a liberdade. A liberdade não é só ação individual; ela é sempre ação com o outro, a propósito do outro. O outro, por isso, tem sempre de existir enquanto 'outro', mas é um 'outro' também livre, um outro igual. (COSTA, 2018, p. 53)

A diferença é crucial para gerar o confronto que define, ou não, o pluralismo. Como se afirma este confronto, essas diferenças na infocracia? Podemos indagar, a partir das premissas apontadas por Costa, quão democrática é a sociedade a partir da criação e perpetuação das relações. Pensemos no espaço que define o outro a partir do processo de artificialização de si. Ou seja, este outro não pode constituir um confronto, na medida em que não apresenta diferença, não propõe um confronto, apenas consente a partir das informações, dispõe as diferenças como objeto dado, não considera a visibilidade.

Han provoca que as relações não são democráticas hoje, não lidamos com um senso de liberdade; a condição das relações digitais é de aprisionamento do eu, imerso nas informações, uma relação em que sugere um “viver” pelas informações, não por si mesmo, nem pelas diferenças com o outro, o que constitui uma prática inviável para a criação do campo necessário de confronto gerador da liberdade.

A humanidade e as relações acabam se tornando apenas uma estatística, um olhar de cima, não é um olhar de quem está no meio, não é uma ótica de quem participa e infere as suas diferenças na relação para a criação de liberdade, é um modo de vida que apenas mapeia e gera mais dados para que esse ciclo se perpetue até a extinção das próprias relações, até o afunilamento da humanidade no funil digital. Isso se deve à artificialização das relações e principalmente do outro; é uma condição excludente do outro a partir do momento em que ele deixa de constituir uma humanidade. A digitalização, artificialização do outro nas relações dentro da infocracia não se trata de uma substituição, pois, se fosse, o outro ainda assim estaria presente no confronto de interesses e desejos.

O caminho para a construção do nós a partir da atenção que se dá ao outro é a relação democrática fundada entre o eu e o outro. Costa cita o movimento de encontro entre pelo menos dois; a atenção previamente conceituada por Weil é a abertura a esse encontro, é a abertura do eu para a leitura do outro, que condiciona a percepção sobre essa relação. Quando ambos se percebem, se localizam e se distinguem igualmente, a relação toma-se como prática de relação democrática. É a atenção, o condicionamento, o estopim da criação de toda essa relação entre eu e outro para criar o nós. O nós não se marca como produto dessa relação, apesar de parecer; ele é um processo construtivo da relação democrática entre eu e outro. É a efetivação da atenção

no processo de leitura e ação democrática de estabelecer a igualdade a partir das diferenças e pretensões de ser de cada eu para cada outro na sociedade.

A leitura da prática de atenção ao outro a partir do eu aqui é dada como forma de prática do processo de aprendizagem; esse trajeto da relação democrática entre o eu e o outro implica um aprendizado de si mesmo e do outro. Essa leitura da igualdade e semelhanças faz emergir o aprendizado e a distinção entre eu e o outro; o nós é esse aprendizado. Aprender por meio do coletivo as singularidades que compelem a cada um é parte do processo de democracia.

É notório que a atenção é um primeiro exercício, é a fagulha que acende ao estado de uma vida democrática, da democracia como modo de viver na sociedade. Esse é o modo de vida em que o indivíduo pode identificar, a partir de si mesmo pela prática de atenção, o reconhecimento do outro e gera a criação do nós. A atenção é então a prática de si mesmo para a democracia como modo de vida, assim gerando a liberdade em nós; o horizonte em que o eu e o outro atuam em liberdade para se reconhecerem livremente como nós é a democracia.

Para caminhar nas margens da liberdade do modo de viver democraticamente, é necessário que se estabeleça um cuidado de si a partir da atenção. Veremos, a partir da subjetivação, do ato do sujeito em se perceber presente em sua realidade, as implicações que transformam o cuidado de si em atenção; o cuidado de si será, assim como a atenção, um estopim para o sujeito digital, o sujeito que cuida de si na sociedade infocrática.

2.3 Atenção como uma forma de cuidado

Apontemos para as indagações de Foucault sobre a percepção geral dos conceitos aqui apresentados para pensarmos a atenção como um processo de cuidado de si e via para a subjetivação. A condução destes conceitos pode esclarecer como há neste processo todo entre o eu e o outro, com a clarificação e exposição da junção entre ambos, um cuidado de si. A intenção é também pensar a prática apoiada nas condições dadas pela percepção infocrática, pensar como na infocracia, apesar de todos seus empecilhos cognitivos desumanizantes, é possível basear, desencadear a conduta atenta e desenvolvimento de subjetividade por meio do cuidado para um ato filosófico.

Como a questão de estado da liberdade mútua dos sujeitos pode influenciar a subjetividade, também deve ser levada em consideração. O objetivo de pesquisa em evidência nessas últimas sessões é a criação de um cuidado digital, cuidado a partir da atenção como uma forma de cuidado.

A atenção como forma de cuidado deve partir do conceito de cuidado de si, apresentado e desenvolvido por Michel Foucault na *Hermenêutica do sujeito*. (2006)

Foucault inicia sua postulação de cuidado de si a partir da problematização em torno da subjetividade como problema proposto filosoficamente desde a Grécia antiga; a questão do cuidado de si advém do processo de subjetividade, implica toda a caracterização do indivíduo, é a maneira de ser, as atitudes e reflexões. Então, o ato de cuidado de si constitui, desde os primórdios da produção filosófica, um caráter de subjetivação do indivíduo.

Para alcançar a discussão do conceito de subjetividade é necessária a retomada ao cuidado de si aos primórdios do que significa o cuidado de si, em suas primeiras aparições com os gregos, é por esta concepção que nasce a discussão do cuidado de si ao que concerne a subjetividade:

Temos pois, com o tema do cuidado de si, uma formulação filosófica precoce, por assim dizer, que aparece clara mente desde o século V a.C. e que até os séculos IV-V d.C. percorre toda a filosofia grega, helenística e romana, assim como a espiritualidade cristã. Enfim, com a noção de *epiméleia heautoü*, temos todo um corpus definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade. (FOUCAULT, 2006, p. 15)

A participação principal no cuidado de si deve partir do eu aqui apresentado conceitualmente no segundo capítulo desta pesquisa, Sócrates implica com a atenção de inúmeras maneiras, mas a atenção aqui se dirige ao eu, o dimensionamento de tornar-se sujeito aqui é através de ocupar-se consigo mesmo, o despertar que advém da abertura a leitura atenta de si mesmo na conceituação de atenção desta pesquisa é efetivado como subjetividade nesta medida.

O olhar para si, olhar para o “eu” e fazer a leitura do cuidado de si, despertar do sono e abrir seus olhos para o que está em volta de ti é o cuidado de si, é a abertura dos olhos, a leitura de sua realidade se manifesta aqui. O cuidado de si é prática constituinte do processo de atenção já mencionado, o eu deve prestar a sua abertura, sua leitura a si mesmo, suas contradições, seus atos e hábitos para se perceber, isso é o cuidar de si mesmo.

Sócrates diz que, na atividade que consiste em incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, ele desempenha, relativamente a seus concidadãos, o papel daquele que desperta o cuidado de si vai ser considerado, portanto, como o momento do primeiro despertar. Situa-se exatamente no momento em que os olhos se abrem, em que se sai do sono e se alcança a luz primeira: este, o terceiro ponto interessante na questão do “ocupar-se consigo mesmo”.

O cuidado de si vai ser considerado, portanto, como o momento do primeiro despertar. Situa-se exatamente no momento em que os olhos se abrem, em que se sai do sono e se alcança a luz primeira: este, o terceiro ponto interessante na questão do “ocupar-se consigo mesmo”. (FOUCAULT, 2006, p. 10-11)

É uma prática quase que de respaldo ao outro no que tange essa mesma prática. Sócrates constitui em si um cuidado ao indiciar os cuidados que os outros devem ter na antiga sociedade grega. É somente pelo outro que Sócrates pode aprender em seus conselhos o cuidado que dedica aos outros. “Sócrates é sempre, essencial e fundamentalmente, aquele que interpelava os jovens na rua e lhes dizia: “É preciso que cuideis de vós mesmos.” (FOUCAULT, 2006, p. 10-11)

É nessa prática de respaldo ao outro no cuidado de si que se faz a subjetivação, a atenção dada ao outro, o ouvir e aconselhar, comunicar-se ouvindo de maneira atenta é tornar-se um sujeito, é parte de ser, tornar-se no processo de desvelamento para deixar de ser um agente que apenas incide no processo de sua realidade, para alguém que lê, traça os parâmetros e se identifica na sua realidade a partir do outro, a partir do cuidado que se dedica a si por meio da atenção que se presta ao outro.

Foucault também descreve o cuidado de si (*epiméleia heautoü*) por meio da atenção convencional denominada como sinônimo de foco, porém discorre e passa o contexto do conceito para uma perspectiva muito mais associada ao conceito de atenção presente na concepção apresentada por Costa em Weil:

Primeiramente, o tema de uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. A *epiméleia heautoü* é uma atitude - para consigo, para com os outros, para com o mundo. • Em segundo lugar, a *epiméleia heautoü* é também uma certa forma de atenção, de olhar. Cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar, que se o conduza do exterior para... eu ia dizer "o interior"; deixemos de lado esta palavra (que, como sabemos, coloca muitos problemas) e digamos simplesmente que é preciso converter o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc. para "si mesmo". O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento. Há um parentesco da palavra *epiméleia* com *meléte*, que quer dizer, ao mesmo tempo, exercício e meditação, assunto que também trataremos de elucidar. • Em terceiro lugar, a noção de *epiméleia* não designa simplesmente esta atitude geral ou esta forma de atenção voltada para si. Também designa sempre algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos, assumimos nos modificamos, nos purificamos, nos trans formamos e nos transfiguramos. Daí, uma série de práticas que são, na sua maioria, exercícios, cujo destino (na história da cultura, da filosofia, da moral, da espiritualidade ocidentais) será bem longo. (FOUCAULT, 2006, p. 14-15)

Nesse sentido, é a atenção uma capacidade de estar aberto ao outro, esse trajeto traçado por Foucault para elucidar as anúncias e termos postulados por ele acerca do cuidado de si giram completamente entorno da já traçada relação entre o eu e o outro que deve-se estabelecer para criar um paradigma de existência, de humanidade aqui descrita, é esse o objetivo, a realização da proposta inicial da pesquisa: a abertura para leitura da própria realidade, a

realização de um entendimento sobre si mesmo, sobre eu através do outro como forma de subjetivação, isso pela atenção como cuidado de si propriamente ditos e aqui postulados.

A tarefa do filósofo com a figura de Sócrates se elucida por meio dessa proposta filosófica, é um ato filosófico cuidar de si. Prestar a atenção a si através do outro, construir um propósito em incentivar o outro ao cuidado de si é fundamentalmente a partir dessa concepção a tarefa do filósofo, onde a atenção está em crise.

Foucault relembra sempre que Sócrates é o homem do cuidado, quem direciona as pessoas a cuidarem de si. É essa prática de subjetivação, de atenção como cuidado, que impulsiona a prática filosófica por meio dos outros; a realização geral dessa tarefa depende desse empenho.

A clarificação do conceito de atenção como cuidado de si pode conduzir à questão primeiramente colocada por Han em critério desde o início da pesquisa, a crise da atenção e do tempo no contemporâneo. Por isso tratarei de esclarecer e propor uma adequação destes conceitos para pensar essa crise, me baseando na proposta de atenção como cuidado de si por meio do outro.

2.4 O lugar da filosofia na subjetividade do cuidado digital

Precisamos pensar um lugar para a atenção, para a democracia, para como as relações entre eu e o outro são dadas na perspectiva contemporânea do mundo digital. E é a partir dessas concepções propostas que novamente é de se destacar o papel de Sócrates, do filósofo propriamente dito, para relembrar o cuidado de si, o cuidado de atenção ao outro para estabelecer a abertura que compõe o nós.

Abrir o eu para o outro é dar lugar, dar espaço para a liberdade e formular as diferenças, assim estabelecendo a escuta atenta e transformando a maneira como o indivíduo passa a ser sujeito, sujeito que vive democraticamente, e faz uso de sua liberdade concebendo o outro, suas diferenças e aprendendo com essas diferenças, com os erros. Isso é também o processo de aprendizado auxiliado pela prática de escuta atenta. A prática atenta da leitura de si e do outro, relembrando é a ponte entre processo de aprendizado e filosofia. Sem essa relação, o sujeito recai sobre o processo infundável das informações e fica estagnado a se adaptar, se encaixar, ao outro artificial inumano, que não compõe nenhuma dessas características aqui retratadas, ao passo que esta maneira de aprender filosoficamente a “ser o nós” é descartada.

O papel de pensar também sobre como se desenvolvem nossas relações, sobre como estamos lidando com as implicações que a liberdade nos traz ao se revelarem mais

democráticas, ou não é também papel do filósofo instigar essa característica que destaca o papel do processo de aprendizagem e de subjetivação presente na humanidade.

Perceber os erros e corrigi-los é uma capacidade que só se desenvolve a partir do olhar para si; como já afirmado, é a prática de perceber, por meio do outro, as nuances do eu.

O modo de vida democrático que pode remanejar as práticas infocráticas de racionalidade digital para uma subjetivação do indivíduo, o trabalho do filósofo em relembrar o cuidado de si é fundamental para o desenvolvimento do processo de atenção como cuidado e prática que concilie o processo de aprendizado e prática filosófica. O dever do filósofo é estabelecer este olhar quase clínico para o outro ao cuidado de si, para assim mover a atenção em direção ao outro.

Isso recondiciona a forma como a racionalidade digital estabelece a sua primazia da artificialização pela humanidade; vejamos que há um processo de afastamento da humanidade, do sujeito para consigo, dentro do próprio processo de desracionalização ao se comunicar com o outro.

O ato de ouvir atentamente pode implicar uma transformação do indivíduo; o aprisionado na sociedade digital pelas informações passa a se tornar emancipado em sua atenção. Ele estará atento de maneira seletiva aos fatos, não será apenas refém das informações, será senhor de sua atenção e da temporalidade de seu discurso com o outro.

O sujeito digital deve aprender a ser leitor de sua própria realidade, deve entender o eu, e praticar no outro o ato de cuidado, deve desvendar através do reflexo que suas ações e sua liberdade projetam no outro a democracia nessa ação. Através desse processo é que emerge não uma superação da democracia a infocracia, mas sim uma superação do sujeito digital a infocracia.

Considerações finais

A pesquisa teve seu foco direcionado especialmente em como disponibilizamos nosso eu ao outro, isso nos leva a refletir sobre como lidamos com nossa identidade na sociedade digital. A obra de Han levanta muitos questionamentos e críticas sobre nossa maneira de abordar a relação entre indivíduos e o desenvolvimento da tecnologia que integra cada vez mais a sociedade, trazendo à tona temas fundamentais para nosso desenvolvimento como humanidade, ao passo que questiona os avanços do digital e seu sufocamento nas relações humanas. O intuito da pesquisa foi construir um sujeito que se adapte, que encontre seu ser na vastidão digital, um sujeito capaz de reconhecer a realidade através do digital como uma extensão de si para o outro, que utiliza das manifestações digitais para mantê-lo conectado ao outro, formando assim uma ponte que estabelece o "nós".

Utilizando os conceitos postulados por Costa (2024) sobre o que é o "nós", o limite entre o eu e o outro, a liberdade na manifestação do confronto de interesses que ocorre nos campos digital e real para criar um ambiente fundamental ao desenvolvimento de uma vida democrática em sociedade. Estabelecer o outro, apesar de toda a crítica a seu desaparecimento, como parte fundamental nessa reflexão do eu, o outro é uma possibilidade de existência quando o eu se manifesta nele de maneira livre, ao passo que esse processo se torna real reciprocamente, e cria um "nós". Assim, podemos identificar nesse ato a humanidade, o que difere a humanidade do processo de artificialização proposto por Han na infocracia.

Os conceitos apresentados ao longo da pesquisa são direcionados ao entendimento do "nós", para que possamos perceber como a essência da vida democrática tem sido subtraída de maneira quase imperceptível dos indivíduos pela infocracia. Essa subtração se revela apenas quando exercemos a atenção, que é a abertura essencial para o cuidado de si e a subjetivação do indivíduo no digital, a reivindicação do sujeito que busca sua humanidade em meio à artificialização e desumanização do outro. Essa atenção possibilitará o autocuidado e a subjetivação no mundo digital, visto que, ao reconhecer quem sou, onde estou e com quem, posso estabelecer todos os parâmetros da realidade em que estou inserido, incluindo o outro, manifestando o "nós". Essa é a verdadeira forma de viver democraticamente. Nesse contexto, eu me torno sujeito ao libertar-me da escravidão cognitiva, racional e temporal da infocracia e me torno um sujeito que vive de maneira democrática, superando a infocracia por meio da realização do ser digital.

A crise de atenção pode impactar toda a rede de racionalização entre os indivíduos e isso incita a forma como o eu e o outro desempenham um papel tão crucial em relação à própria

humanidade, uma vez que o distanciamento entre ambos resulta em um apagamento mútuo. Na crítica de Han, isso se traduz na artificialização mútua, tanto para aqueles que não conseguem mais ler sua própria realidade e desenvolver sua humanidade, o seu ser, quanto para aqueles que desaparecem devido à falta deste primeiro processo do eu. O sujeito padece em informações e dados gerados por si mesmo.

Referências bibliográficas

COSTA, Marta Nunes. **Ensaio no Feminino**. São Paulo: LiberArs, 2018.

COSTA, Marta Nunes. Filosofia e atenção. *Eleuthería - Revista Do Mestrado Profissional Em Filosofia Da UFMS*, 8(15), 173 – 187. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2022.